

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

**WHAT HAPPENED TO THE WEST? O ESPAÇO POLÍTICO EM MERIDIANO  
DE SANGUE, DE CORMAC McMCARTHY**

**WHAT HAPPENED TO THE WEST? THE POLITICAL SPACE IN BLOOD  
MERIDIAN, BY CORMAC McCARTHY**

Mikael de Souza Frota  
Universidade Federal do Amazonas

Lajosy Silva  
Universidade Federal do Amazonas

*Nunca duvidei que Deus estivesse do lado deles  
no esforço de destruir o wilderness.<sup>1</sup>  
Roderick Frazier Nash – Wilderness and the  
American Mind*

**RESUMO:** O aspecto central deste estudo é a construção e a domesticação espacial, sob um viés político, analisada através da temática da violência das personagens na região de fronteira entre os Estados Unidos e México no romance *Meridiano de sangue ou O rubor crepuscular no Oeste*, de Cormac McCarthy. Por meio de discussões teóricas será possível questionar a forma pacífica como os colonizadores avançaram em direção ao Oeste, segundo a historiografia oficial dos Estados Unidos. Da mesma forma, a teoria do espaço e da violência como ferramenta política ajudará a compreender os detalhes da violência utilizada pelo grupo de mercenários contratados para dizimar índios e mestiços durante o processo de “domesticação” e de expansão territorial praticada no romance de McCarthy em meados do século XIX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço; Fronteira; Violência; Wilderness; McCarthy.

**ABSTRACT:** The central aspect of this study is the construction and spatial domestication, under a political perspective, analyzed through the theme of the character's violence in the border area between the United States and Mexico in the novel *Blood Meridian or The Evening Redness in the West*, by Cormac McCarthy. Through theoretical discussions, it will be possible to question the peaceful way in which the settlers advanced towards the West, according to the official historiography of the United States. Likewise, the theory of space and violence as a political tool will help to understand the details of violence used by the group of mercenaries hired to vanish indians and mestizos during the process

---

1 Never doubted that God was on their side in their effort to destroy the wilderness.

of “domestication” and territorial expansion practiced in McCarthy's novel in the middle of the 19th century.

**KEYWORDS:** Space; Frontier; Violence; Wilderness; McCrthy.

### **1 Oeste ou *wilderness*? As políticas de domesticação espacial da região**

A marcha progressiva para as regiões do Oeste Americano foi impulsionada pelos projetos considerados promissores e democráticos de Andrew Jackson. Dentre os projetos ambiciosos do antigo presidente estadunidense está o fortalecimento do Destino Manifesto, por meio da promoção e ampliação da campanha para o Oeste, removendo os índios em larga escala e destruindo a natureza. Os colonizadores, conforme Thiago Oliveira Santos, munidos de um impulso guerreiro e com o apoio de “Deus”, acreditavam que havia uma missão a ser cumprida: “a manutenção da ordem e do território honrado, dentro dos padrões civilizados republicanos e não pagãos”<sup>2</sup>.

Civilização está, em seu significado cristalizado e europeizado, na completa oposição à ideia de “selvageria” ou “barbarismo”, sendo estes comportamentos típicos do mundo do *wilderness*. Assim, explica Raymond Williams,<sup>3</sup> civilização potencializa a ideia de “uma ordem social ou modo de vida adquirido”, o que em si denota um problema: “o sentido de um estado adquirido ainda tem força suficiente para conservar alguma qualidade normativa”, e a palavra “civilização” tende a ser vista como algo que se pode perder ou conquistar. No século XVIII, por exemplo, ela expressava “o sentido de processo histórico, mas também celebrava o sentido associado de modernidade: uma condição adquirida de refinamento e ordem”.

No pensamento estadunidense, a palavra civilização (explicada a partir de uma concepção europeia), nos parece, rivaliza com o termo *wilderness*, que em uma tradução livre pode significar terra selvagem. Esta palavra apresenta

---

2 SANTOS, 2017, p. 99.

3 WILLIAMS, 2014, p. 57.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

dificuldade quanto ao seu sentido, uma “concretude enganosa” porque, apesar de ser um substantivo, atua também como adjetivo, pois não há nenhum objeto material específico que seja *wilderness*. Para Roderick Frazier Nash, a palavra designa uma dualidade, que produz uma certa disposição ou sentimento em determinado indivíduo, e como consequência pode ser atribuído por uma pessoa a um lugar específico. Em outras palavras, ela apresenta subjetividade quanto à sua semântica, daí que uma definição universalmente aceita da palavra é problemática, pois aquilo que seria *wilderness* para uma pessoa poderia não ser para outra.

A história oficial dos Estados Unidos, através dos estudos de Frederick Jackson Turner, referia-se ao Oeste como uma terra primitiva que precisaria ser conquistada e civilizada. A fronteira, localizada no meridiano 99, seria o ponto de encontro entre o civilizado Leste e o selvagem Oeste. A narrativa histórica e conservadora dos Estados Unidos pregava o avanço dos colonizadores europeus, onde a fronteira se estenderia e, conseqüentemente, a civilização também pelas terras do Oeste. A ideia de agrarianismo, isto é, a natureza selvagem transformada e habitada, basilar para a construção da identidade nacional estadunidense, encontra seu limite no *wilderness*. Dessa forma, com o auxílio das artes, as representações da natureza, dos seus elementos e de um desbravador começaram a fazer parte das narrativas e do imaginário do povo dos Estados Unidos.

Os colonizadores passaram a acreditar na proposta político-ideológica de habitar um novo jardim do Éden nas terras do Oeste e reconstruí-lo a partir das bases de uma civilização cristã e organizada, seguindo os padrões de democracia e de liberdade, idealizados pela crença do Destino Manifesto e almeçados e atenuados, principalmente, por Andrew Jackson. No entanto, ocupar o Oeste, colonizá-lo, arar a terra, matar búfalos, explodir rochas, dizimar nativos e destruir a natureza foram ações praticadas por esses colonizadores, o que não condiz

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

com o conceito de civilizado cristalizado por eles e desconstrói a narrativa conservadora de Turner.

A “domesticação” do *wilderness* foi responsável pela criação do mito do herói do Oeste. Fisicamente, a natureza selvagem frustrou a idealização do novo Éden projetada pelos colonizadores na América do Norte. Ao mesmo tempo, o significado de um lugar sombrio e assustador foi direcionado as florestas desconhecidas do Oeste. Como consequência desse novo significado, os colonizadores

sentiram que lutavam contra o interior selvagem não apenas pela sobrevivência pessoal, mas em nome da nação, da raça e de Deus. Civilizar o Novo Mundo significava iluminar as trevas, ordenar o caos e transformar o mal em bem. Na [...] expansão para o Oeste, o *wilderness* era o vilão e o pioneiro, como herói, *apreciava* sua destruição<sup>4 5</sup>.

O trecho destacado do livro *Wilderness and the American Mind*, de Roderick Frazier Nash (2014) menciona, em um primeiro momento, o “herói” do *wilderness* como apreciador da destruição. No entanto, conforme prosseguimos com a leitura da obra, percebemos que o autor posteriormente coloca o dito herói como o responsável pela destruição da natureza. Isso porque Nash introduz a ideia de paraíso edênico vislumbrado pelos colonizadores ao encontrarem o Oeste e a necessidade de adaptar aquelas terras as suas necessidades. Entretanto, conforme o autor<sup>6</sup> claramente o *wilderness* estadunidense não era o paraíso edênico, e se os colonizadores quisessem usufruir de um ambiente

---

4 Sensed that they battled wild country not only for personal survivor but in the name of nation, race, and God. Civilizing the New World meant enlightening darkness, ordering chaos, and changing evil into good. In the [...] westward expansion, wilderness was the villain, and the pioneer, as hero, relished its destruction.

5 NASH, 2014, p. 24, grifos dos autores.

6 NASH, 2014, p. 26.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

perfeito nos Estados Unidos, eles teriam que fazê-lo dominando uma região selvagem, segundo sua concepção.

A representação do *wilderness*, tanto no discurso artístico quanto no político, foi usado como forma de dramatizar e romantizar a destruição da natureza com o passar dos anos. Através do estudo feito em Nash<sup>7</sup>, sabemos que apenas dois por cento da área dos Estados Unidos constitui o *wilderness* e os outros noventa e oito por cento foram devastados em prol do avanço da “civilização” e da tecnologia. O homem considerado “civilizado” pela narrativa conservadora de Turner a domesticar o Oeste, reduziram, assim como seus sucessores, a natureza do país a uma unidade mínima e a violência era utilizada como recurso político para a domesticação espacial do *wilderness*.

O *wilderness*, enquanto conceito humano, buscava idealizar um lugar desconhecido aos preceitos bíblicos dos colonizadores de uma região sagrada para um povo predestinado. O processo de invasão do Oeste, intensificado a partir do século XIX, encontra no discurso político-ideológico do Destino Manifesto força para prosseguir com o projeto imperialista de expansão territorial dos Estados Unidos.

Os colonizadores, ao longo dos anos 1830 e 1840, deslocaram-se em grandes hordas migratórias para além da fronteira demarcada no meridiano 99 e ocuparam territórios indígenas e mexicanos. Assim, conforme eles avançavam para o extremo Oeste, a crença na sua fé de superioridade racial e no seu destino glorioso, intensificou-se: “Rapidamente, desenvolveu-se a ideia de que era o ‘manifesto destino’ dessas instituições espalhar-se por todos os vastos, escassamente povoados e mal defendidos territórios situados entre o vale do Mississippi e o oceano Pacífico”<sup>8</sup>.

A expansão e a domesticação territorial em direção ao Oeste era então a efetivação do Destino Manifesto. Baseados nessa ideologia, os estadunidenses

7 NASH, 2014, p. 248.

8 SELLERS; MAYO; MCMILLEN, 1990, p. 166.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

anexaram o estado do Texas à União (1845) e impulsionaram a guerra contra o México (1848) com a intenção de adquirir o estado da Califórnia e controlar os portos da costa pacífica. Ainda sobre o manifesto, essa ideologia tonificou a individualidade histórica dos Estados Unidos e um suposto diferencial que eles teriam em relação as outras nações, principalmente as europeias. É nessa contradição em relação aos europeus que conseguimos compreender a violência incontrollável no romance *Meridiano de sangue*. Se pensarmos que os colonizadores europeus eram os responsáveis pela expansão da fronteira e ela a única forma de “americanização” no século XIX, logo as raízes fundadoras da sociedade estadunidense, conforme a discussão dos eventos históricos feita até aqui, foram regradadas através do uso de violência. Assim, a violência praticada pelos grupos anglo-saxônicos no romance de McCarthy tinha um propósito político-ideológico.

O narrador de *Meridiano de sangue* é claramente irônico sobre os episódios da era Jacksoniana e sobre a crença do Destino Manifesto. Por mais contraditória que pareça, a selvageria resultante das lutas entre indígenas e brancos no Oeste não foi fruto de pura loucura. As contratações governamentais em prol da superioridade diante das demais raças dentro do *wilderness* eram pensadas e muito comemoradas quando os objetivos eram atingidos. A ironia também gira em torno do papel do homem de fronteira, acreditado ser o responsável por levar a civilização para essas áreas. O que notamos em *Meridiano de sangue* é que as personagens anglo-saxônicas acreditavam no Destino Manifesto e pareciam acreditar também que não estavam desapropriando os índios ou mexicanos de seus lugares, mas sim salvando-os de si mesmo e de todas as suas crenças pagãs. As personagens de McCarthy vão até o fim com esse projeto político de domesticação da fronteira em prol de interesses individuais, nacionalistas e políticos. O trabalho dos *scalp hunters* (caçadores de escalpos) “não era o de simples vaqueiros assassinos, pois eram missionários da civilização e da religião. Os resultados podem ser questionáveis, mas auxiliaram a

moldar a terra tal como ela é”<sup>9</sup>. Os Estados Unidos foi construído a base de muita violência e propagação da barbárie contra qualquer tipo de vida existente além da fronteira da “civilização”: “A verdade é que ninguém viu o Éden; [...] os emissários de Deus, que desejavam estabelecer ordem e paz, trouxeram tochas, rifles e pistolas Colts apenas. A paisagem se desfigurava e se tornaria cada vez mais vermelha”<sup>10</sup>.

## **2 Discussões teóricas acerca do espaço**

O teórico francês Pierre Félix Bourdieu, no primeiro capítulo do seu livro *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*, ao referir-se à existência humana em um determinado espaço argumenta que “existir em um espaço, ser um ponto, um indivíduo em um espaço é diferir, ser diferente”<sup>11</sup>. Diante do exposto, entendemos o espaço como uma unidade material de ações humanas, onde seus elementos se diferem conforme a necessidade de cada época em que o indivíduo seja pertencente a esse espaço.

Sobre espaço social e político, Edward Soja acrescenta que

o espaço social e político tornou-se cada vez mais reconhecido como uma força material (e não-material, isto é, ideológico) influente, ordenando e reordenando as próprias relações sociais produtivas. Longe de ser um reflexo passivo, incidental, um “espelho”, a espacialidade tornou-se ativa como uma estrutura concreta e repositório de contradições e conflitos, um campo de luta e estratégia política<sup>12</sup>.

Analisando a citação de Soja, e tendo em vista *Meridiano de sangue*, entendemos que o espaço social e político no romance encontra-se na fronteira e

---

9 SANTOS, 2017, p. 104.

10 SANTOS, 2017, p. 104.

11 BOURDIEU, 1996, p. 23.

12 SOJA, 1983, p. 28.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

para que os projetos políticos dos Estados Unidos tenham prosseguimento, esses espaços precisavam ser expandidos pelas terras do Oeste com o intuito de ordenar e reordenar os sistemas sociais já existentes na região. Como forma de organização social na área do *wilderness*, a estratégia política adotada pelo governo foi a violência. É o que Bourdieu conceitua como “significativo opondo-se a insignificante”<sup>13</sup>, ou seja, alguém que está inscrito em um espaço e o observa, estabelecendo diferenças entre os seus e aqueles a quem se acham superiores. O teórico francês prossegue com sua lógica sobre classes referente a um espaço social abstrato. Para ele, esse tipo de espaço

não se contenta em descrever o conjunto de realidades classificadas e sim, [...] vincula-se a propriedades determinadas que, por oposição às diferenças aparentes das más classificações, permitem prever as outras propriedades e distinguem e agrupam os agentes que mais se pareçam entre si e que sejam tão diferentes quanto possível dos integrantes de outras classes, vizinhas ou distantes.<sup>14</sup>

Os planos imperialistas dos Estados Unidos, fundamentados na ideologia política do *Destino Manifesto* sobre a expansão territorial do Oeste, classificavam e discriminavam os povos que tinham características diferentes dos colonizadores de fronteira. Com isso, eles acreditavam que todas as demais raças eram inferiores e os deviam obediência. Aqueles que tentassem resistir eram brutalmente assassinados. O que observamos em *Meridiano de sangue* é que os mercenários de Glanton não davam essa opção de resistência quando invadiam as cidades mexicanas na fronteira ou povoados indígenas. Com o propósito de coletar o maior número de escalpos, os caçadores matavam para pegarem suas recompensas junto aos governantes contratantes dos seus serviços. Nas palavras do professor Adolfo Frota, entendemos que “o sujeito que transita pelo espaço é o

---

13 BOURDIEU, 1996, p. 23.

14 BOURDIEU, 1996, p. 24.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

artífice desse mesmo espaço, ele cria um sistema complexo de atributos que refletem fatores de ordem coletiva e também individual”<sup>15</sup>.

A construção espacial desses sujeitos de fronteira nos Estados Unidos foi elaborada sob um viés de escalas sociais, no qual a nação estadunidense impera sobre as demais. Conforme os argumentos de Bourdieu, “a classe ‘real’ [...] é apenas a classe realizada, isto é, mobilizada, resultado da luta de classificações como luta propriamente simbólica (e política) para impor uma visão de mundo social ou, melhor, uma maneira de construí-la”<sup>16</sup>. A crença no *Destino Manifesto* da nação estadunidense, mobilizou e guiou as diferentes classes dos homens de fronteira para impor e construir a visão ideológica de povo “predestinado”.

Maurice Merleau-Ponty distingue dois tipos de espaços: “espaço geométrico (que é o lugar) e espaço antropológico (onde ocorre interação humana)”<sup>17</sup>. A interação do sujeito com o outro trata-se então de um elemento importante para a composição do espaço: “O espaço antropológico possibilita a relação com o mundo, a inserção do homem em um meio que interage com outros homens”<sup>18</sup>. Maximizando os pensamentos de Merleau-Ponty e Frota, e tendo em vista *Meridiano de sangue*, o espaço geométrico é o Oeste, enquanto que o espaço antropológico está relacionado a interação violenta entre as personagens saxônicas do romance de McCarthy contra o *wilderness* e seus elementos. Dessa forma, a inserção desse homem de fronteira, em interação com o mundo e outros homens, é inteiramente devastadora tanto com a natureza, quanto com os habitantes do deserto.

Pierre Bourdieu, no ensaio *Espaço social e poder simbólico*, conceitua que “as interações [...] escondem as estruturas que se concretizam nelas. [...] Assim, esquece-se de que a verdade da interação nunca está inteira na interação tal

---

15 FROTA, 2013, p. 18.

16 BOURDIEU, 1996, p. 26.

17 MERLEAU-PONTY, 2006, p. 299-300.

18 FROTA, 2013, p. 25.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

como esta se oferece à observação”<sup>19</sup>. Pensemos no tratado feito entre Estados Unidos e México após a guerra entre os dois países, quando os estadunidenses adquiriram uma considerável parte do território mexicano ao norte e na costa pacífica. Pois bem, existiu um tratado político que garantia o livre acesso dos mexicanos entre os dois países. Esse trata ilustra bem o conceito de interação proposto por Bourdieu. Entretanto, não eram apenas os mexicanos que transitavam de um país a outro, havia os nativos também. O que está escondido nessas interações com os mexicanos, tendo em vista *Meridiano de sangue*, é a violação do tratado por parte do governo dos Estados Unidos. Mercenários e grupos de milícias eram contratados para abater os índios e, conseqüentemente, também matavam os mexicanos.

O teórico francês prossegue seu pensamento sobre o espaço e a interação certificando que “o espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida”<sup>20</sup>. Esse espaço simbólico pode adquirir objetividade, através de ações individuais ou coletivas, com o intuito de fazer valer algo idealizado em realidade. Ainda nas palavras do teórico, “penso, por exemplo, nas manifestações que têm como objetivo tornar manifesto um grupo, seu número, sua força, sua coesão, fazê-lo existir visivelmente”<sup>21</sup>. Foi o que aconteceu com os Estados Unidos, principalmente no século XIX. A ideologia do *Destino Manifesto* precisava sair do imaginário estadunidense para se concretizar no espaço social da nação. A materialização desse ideal garantiria ao homem de fronteira sua superioridade aos demais: “A nomeação oficial, isto é, o ato pelo qual se outorga a alguém um título, uma qualificação socialmente reconhecida, é uma das manifestações mais típicas do monopólio da violência simbólica legítima, monopólio que pertence ao Estado”<sup>22</sup>.

---

19 BOURDIEU, 2004, p. 153-154.

20 BOURDIEU, 2004, p. 160.

21 BOURDIEU, 2004, p. 162.

22 BOURDIEU, 2004, p. 164.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

Analisemos os seguintes títulos e os respectivos nomes das personagens de *Meridiano de sangue*: Capitão White, Capitão John Joel Glanton e Juiz Holden. Os três carregam consigo interesses políticos e ideológicos contra os outros povos que habitam o Oeste. Com intuito integracionista e nacionalista, o Capitão White entra no Oeste em guerra contra os mexicanos e os nativos e tem seu grupo de milícia extinto pelos comanches. O monopólio da violência do Estado se concretiza com o grupo de mercenários liderados por Capitão Glanton e Juiz Holden. Glanton lidera o morticínio contra os mesmos povos que White desprezava. Holden é o juiz que decide quem deve viver ou morrer em uma guerra que para ele é redentora. Esses títulos oficiais associados as personagens de *Meridiano de sangue* legitimam a violência imposta pelo governo estadunidense.

Bourdieu finaliza seu ensaio afirmando que

a classe (ou o povo, ou a nação, ou qualquer outra realidade social de outro modo inapreensível) existe se existem pessoas que possam dizer que elas são a classe, pelo simples fato de falarem publicamente, oficialmente, no lugar dela, e de serem reconhecidas como legitimadas para fazê-lo por pessoas que, desse modo, se reconhecem como membros da classe, do povo, da nação ou de qualquer outra realidade social que uma construção do mundo realista possa inventar ou impor.<sup>23</sup>

O uso de um espaço e de seus elementos indica a condição humana e o viés político-ideológico dos indivíduos que pretendem dominá-lo. É o caso das motivações ideológicas do Juiz Holden. Conforme Jay Lee Ellis, no seu ensaio *Spatial Constraint and Characters Flight in McCarthy*, “o conhecimento do juiz vai muito além do bem e do mal que depende que o leitor o condene como um

---

23 BOURDIEU, 2004, p. 168.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

demônio”<sup>24</sup> <sup>25</sup>, pois o juiz acredita que seus atos de violência são dignos e redentores. Ainda sobre *Meridiano de sangue*, Ellis<sup>26</sup> explica que o romance de McCarthy exige uma visão ampla, isto é, a criação e a domesticação do espaço estão além de uma reinterpretação geográfica, mas perpassa os problemas históricos que ajudaram a construir e a moldar os Estados Unidos.

O principal agente da propagação da barbárie e do ideal político-religioso no processo de “domesticação” do Oeste é o Juiz Holden. Através da narrativa de *Meridiano de sangue*, Holden nos dá a impressão de possuir conhecimento variado sobre qualquer assunto envolvendo a existência humana, pois segundo ele “tudo que na criação existe sem meu conhecimento existe sem meu consentimento”<sup>27</sup>. Os segredos que o Oeste e o deserto escondem são seus principais temas de interesse. O juiz age de acordo com o que ele acha certo e destrói aquilo que não condiz com a sua ideologia político-religiosa.

Ellis<sup>28</sup> acrescenta que o tipo de filosofia proferida pelo juiz é sobre a ordem do universo, com os prazeres da guerra como um jogo onde apenas os dignos estão prontos para jogar. Conforme a narrativa de *Meridiano de sangue* se desenvolve, percebemos que Holden dirige sua profecia indiretamente a kid, uma vez que este entrou para o bando de Glanton sem saber as motivações político-ideológicas que moviam os mercenários.

Por fim, Ellis associa as personagens do romance de Cormac McCarthy a narrativa conservadora de Frederick Jackson Turner, destacando a ironia dos mitos propostos e resgatados na violenta ficção de McCarthy:

---

24 The judge’s knowledge reaches so far beyond good and evil that it demands that the reader either condemn him as a devil.

25 ELLIS, 2009, p. 2-3.

26 ELLIS, 2009, p. 5.

27 MCCARTHY, 2009, p. 204.

28 ELLIS, 2009, p. 8.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

O mito de Turner está vivo e forte para as personagens de McCarthy, enquanto que o romance sublinha o mito com ironia. Por fim, a obra de McCarthy incorpora tanto o mito da fuga para a fronteira quanto sua dissolução nas realidades da história<sup>29 30</sup>.

O mito de Turner é perceptível nas personagens de *Meridiano de sangue*, bem como suas ironias. Pluralizamos o termo pelo fato de que os “agentes da paz americanizados” na fronteira foram os principais responsáveis pela deliberação da barbárie e da violência no Oeste. Outra ironia está relacionada a uma suposta área livre dentro do *wilderness* e, como estudado anteriormente, inexistente. A tese de Turner teve a utilidade de acentuar os discursos políticos conservadores quanto a ideologia fundadora dos Estados Unidos. É a partir dessa ideologia da violência de domesticação espacial que iniciamos a análise de recortes essenciais do romance de Cormac McCarthy.

**3 A composição espacial em *Meridiano de sangue***

O homem tem papel fundamental na construção do espaço. Sob a prática de projetos políticos imperialista e racialmente supremacistas, a fronteira que se estendeu pelo Oeste usou artifícios contestáveis para sua idealização no surgimento da nação estadunidense. Se pensar na interferência humana como fator fundamental para a transformação do espaço, “pode-se considerar que a ação do homem deixa marcas profundas. Assim, a modificação humana fica impressa no espaço”<sup>31</sup>. Iniciamos nossa análise com o eloquente discurso nacionalista e político do Capitão White para kid sobre uma possível demarcação e delimitação territorial entre Estados Unidos e México após invasão dos

---

29 The Turner myth is alive and powerful for McCarthy's characters even as the novel underlines the myth with irony. Ultimately, McCarthy's work embodies both the myth of flight into frontier and its dissolution into realities of history.

30 ELLIS, 2009, p. 37.

31 FROTA, 2013, p. 28.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

franceses no local, quando kid fora recrutado para seu grupo de milícia sem saber os planos políticos do seu país:

Já existem por volta de catorze mil colonos franceses no estado de Sonora. Ganham terras de graça para ficar. Ganham ferramentas e gado. Mexicanos esclarecidos encorajam isso. [...] Preferem ser dominados por aqueles comedores de rãs do que por ladrões e imbecis. O coronel está pedindo a intervenção americana. E vai conseguir.

Bem agora estão formando em Washington uma comissão para vir para cá e fixar as linhas de fronteira entre nosso país e o México.

[...] Filho, [...] cabe a nós sermos os instrumentos de libertação em uma terra sombria e turbulenta. Isso mesmo. Somos a vanguarda do ataque.<sup>32</sup>

As fronteiras separatistas mencionadas pelo capitão não passam de fronteiras naturais. As únicas divisões territoriais materialmente perceptíveis nas perambulações pelo deserto são as cercas que envolvem as cidades abandonadas. Outro tipo de divisão geográfica são as fronteiras naturais mencionadas pelo narrador, na sua maioria no romance, na forma de rios. A fala de White também é o primeiro contato do leitor com os conflitos e as tensões políticas entre os dois países.

A gangue de Glanton costumava perambular por vários dias pelo deserto e invadir cidades mexicanas e vilarejos indígenas. Ao adentrarem um antigo vilarejo de povos ancestrais do deserto, Holden é indagado sobre que tipo de índios viviam naquele lugar. O juiz responde com uma parábola de um antigo colonizador do Leste e que “gira em torno de identidade e raça e um senso bíblico de moralidade”<sup>33</sup> <sup>34</sup>. O colonizador cometera assassinato contra outro homem branco que passa pela região. Ao final de sua vida, o colonizador:

---

32 MCCARTHY, 2009, p. 47.

33 revolves around identity and race, and a biblical sense of morality.

34 ELLIS, 2009, p. 11.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

Viveu para ver seu filho crescer e nunca mais fez mal algum a quem quer que fosse. Quando estava em seu leito de morte mandou chamar o rapaz e contou a ele o que fizera. E o filho disse que o perdoava se tal lhe competia fazê-lo e o velho disse que a ele competia fazê-lo e depois morreu.

Mas o rapaz não sentia pena pois tinha inveja do homem morto e antes de ir embora visitou aquele lugar e removeu as pedras e espalhou os ossos e os espalhou pela floresta e então foi embora. Foi embora para o oeste e se tornou ele próprio um assassino de homens.<sup>35</sup>

A parábola contada por Holden é sobre um homem que tem sua identidade, teoricamente civilizada, transformada em selvagem. O juiz finaliza sua história com uma reflexão sobre a violência, que é uma característica da própria natureza humana, em uma interessante associação entre o comportamento humano e o comportamento selvagem. Esse instinto humano selvagem também pode ser associado as constantes comemorações dos escalpos arrancados pelos mercenários no deserto:

Centenas de moradores espremiavam-se em volta quando os escalpos secos foram contados sobre as pedras. Soldados com mosquetes mantinham a multidão para trás e as moças observavam os americanos com imensos olhos negros e garotos se aproximavam rastejando para tocar os troféus macabros. Havia cento e vinte e oito escalpos e oito cabeças e o lugar-tenente do governador e sua comitiva desceram para o pátio a fim de lhes dar as boas-vindas e admirar seu feito. Prometeram-lhes todo o pagamento em ouro a ser feito durante o jantar em sua homenagem.<sup>36</sup>

Percebemos que o negócio de escalpo era uma prática política adotada pelos governantes dos Estados Unidos, não apenas pela figura do governador e sua comitiva na citação, mas também pelas constantes citações de figuras

35 MCCARTHY, 2009, p. 153.

36 MCCARTHY, 2009, p. 178.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

importantes na história do país durante a celebração dos mercenários em um jantar comemorativo:

Brindes patrióticos foram erguidos, os ajudantes-de-ordens do governador erguendo suas taças a Washington e Franklin e os americanos respondendo com ainda mais heróis de seu próprio país, ignorantes igualmente de diplomacia e de qualquer nome no panteão de sua república irmã.<sup>37</sup>

A violência descabida continuava a ser utilizada pelos mercenários como recursos de controle espacial e social nas áreas áridas do deserto do Oeste. Em outro momento de encontro com mexicanos e nativos, os mercenários fizeram valer a sua essência:

Abatiam animais selvagens e tomavam o que necessitavam a título de comissão dos pueblós e estancias por onde passavam. [...] Pela manhã foram para o sul. Trocavam poucas palavras entre si, tampouco discutiam. Três dias depois cruzaram com um bando de pacíficos tiguas acampados na margem do rio e os massacraram até a última alma.<sup>38</sup>

As atitudes sanguinárias dos mercenários eram justificadas nas filosofias morais de redenção através da guerra proferidas pelo Juiz Holden:

A lei moral é uma invenção da humanidade para destituir de seus direitos os fortes em favor dos fracos. A lei da história a subverte a cada avanço. Um ponto de vista moral jamais se pode provar justo ou injusto por nenhum teste último. Ao tombar morto em duelo um homem não é visto como tendo demonstrado o erro de seus

---

37 MCCARTHY, 2009, p. 181.

38 MCCARTHY, 2009, p. 184.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

pontos de vista. Seu próprio envolvimento em tal prova fornece a evidência de um ponto de vista novo e mais amplo.<sup>39</sup>

A análise da violência, sob uma ótica política, se concretiza no romance através dos discursos das personagens, de suas atitudes e da crença do juiz de que a guerra é santa, redentora e fruto de Deus. A herança dessa guerra descabida contra os mexicanos e os nativos deixaram rastros pelas terras do deserto que fazem parte dos Estados Unidos e do México. A civilização e a domesticação proposta pelos colonizadores na fronteira se mostraram como um morticínio contra raças que eles consideraram inferiores em prol de uma política imperial supremacista. Os agentes fundadores da democracia dos Estados Unidos usaram como principal recurso a violência para obterem controle geral sobre o espaço, os povos, suas crenças e suas culturas. Destruindo esses valores primordiais para o mantimento e a manutenção de um grupo social, os estadunidenses conseguiram obter êxito naquilo que eles batizaram como *American Progress*.

**Referências**

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: \_\_\_\_\_. Razões práticas. Sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 1996. p. 13-34.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: \_\_\_\_\_. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 149-168.

ELLIS, Jay. Spatial Constraint and Character Flight in McCarthy. In: \_\_\_\_\_. No Place for Home: Spatial Constraint and Character Flight in the Novels of Cormac McCarthy. New York: Routledge, 2009. p. 1-37.

FROTA Adolfo José de Souza. O Espaço da Melancolia na Trilogia da Fronteira, de Cormac McCarthy. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Goiânia: UFG, 2013. p. 17-40.

MCCARTHY, Cormac. Meridiano de Sangue ou O Rubor Crepuscular no Oeste. Tradução Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2009.

---

39 MCCARTHY, 2009, p. 262.

**Revista Araticum**

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NASH, Roderick Frazier. Wilderness and the American Mind. New Have: Yale University Press, 2014.

SANTOS, Thiago Oliveira. The Style of Our Age: estudo sobre três romances americanos contemporâneos. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Goiânia: UFG, 2017. p. 74-129.

SELLERS, Charles; MAY, Henry; MCMILLEN. Uma reavaliação da História do Estados Unidos: de colônia a potência imperial. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 142-175.

SOJA, E. Uma interpretação materialista da espacialidade. In: BECKER, B.; HAESBAERT, R.; SILVEIRA, C. Abordagens políticas da espacialidade. Rio de Janeiro: UERJ, 1983.

WILLIAMS, Raymond. Keywords. A Vocabulary of Culture and Society. Nova York: Oxford University Press, 2014.

**Breve currículo dos autores**

**Mikael de Souza Frota** é Mestre em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Tem experiência na área de Letras – Literatura, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas. Atua principalmente nos seguintes temas: conto, romance e teatro em língua inglesa, distopias literárias, ecocrítica, estudos sobre a memória e teoria narratológica. Membro do grupo de pesquisas Literatura, Educação e Dramaturgias Contemporâneas (LEDrac - CNPq / UNB).

**Lajosy Silva** é Doutor em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas, Teatro, Literatura Comparada e Interfaces.

*Recebido em maio de 2021*

*Aprovado em dezembro de 2021*